

LAMAS, Marília. *De menina e de menino: gênero e infância*

Editora Amazon, 2016 / ISBN: ASIN: B01N7CUBYTI / Capa: Ana Paula Belo Macagnani

De adulta e de adulto: conceitos e preconceitos sob o olhar de Marília Lamas

Prof^a Dra. Elika Takimoto
Cefet/RJ
elikatakimoto@gmail.com

Recebido em: 14/02/2019
Aceito em: 29/03/2019

Não há dúvidas que o tema “gênero” precisa ser aprofundado. Em meio às recentes discussões até mesmo sobre os Planos de Educação, seja no âmbito municipal, estadual ou federal, “gênero” se tornou um dos protagonistas do debate. Estamos no país que mais mata LGBTs no mundo e a educação - seja ela na escola seja em casa seja na rua - tem papel fundamental nos números que são apresentados. Ainda assim, há grupos em nossa sociedade que acreditam que ao conversarmos sobre esse tema estamos subvertendo “valores” importantes em nossa sociedade. Por outro lado, há quem se posicione na defesa de uma prática não sexista e anti-discriminatória como um instrumento fundamental para erradicar preconceitos e violência. Marília Lamas com seu livro “De menina e de menino: gênero e infância” que é fruto da pesquisa apresentada como monografia do curso de pós-graduação em Sociologia Política e Cultura, na PUC-Rio, em 2015, fortalece o coro do último grupo.

As teorias que se desenvolvem nesse campo e a partir do conceito de gênero são muitas e complexas, mas de uma forma simplificada pode-se dizer que o termo se refere à existência de uma normatividade imposta às mulheres a partir de construções sócio-culturais baseadas na sua biologia. Apurar essa categoria nos permite enxergar como homens e mulheres são localizados na sociedade contemporânea, e nos faz refletir sobre o que é “natural” e o que é historicamente construído. Neste sentido, “De menina e de menino: infância e gênero” tem importantes contribuições para o debate. Escrito com um tom literário, Lamas consegue nos tirar da zona de conforto não somente pelo conteúdo apresentado, mas também pela força de sua narrativa.

O livro parte do conceito antropológico de cultura e, a partir disso, discute, problematiza e desnaturaliza a lógica rígida que nor-

teia a divisão por gêneros nos brinquedos e demais itens de consumo oferecidos às crianças. Porém, a obra vai muito além do enfoque na maneira que os brinquedos presentes nas prateleiras das lojas contribuem para a reprodução de estereótipos e a manutenção de desigualdade entre os gêneros. O livro não se atém a panelinhas, foguetes e suas implicações - o que, por si só, já cumpriria seu papel de trazer luz para essa discussão. Ao dissertar sobre a relação entre infância, brinquedo e consumo apoiando-se em estudiosos como Mary Douglas e Baron Isherwood, Lamas aponta a simbologia que existe nos brinquedos que as pessoas adultas oferecem às crianças em nossa cultura e o que esses bens de consumo dizem sobre aquilo que os responsáveis projetam e idealizam sobre seus filhos e suas filhas.

Lamas aprofunda a sua pesquisa: sustentada por Judith Butler, Simone de Beauvoir, Elisabeth Badinter, Mirian Goldenberg dentre outras, a autora, ao longo do seu livro, desconstrói a ideia por detrás do determinismo biológico que atribui às diferenças físicas e as ditas “naturais” entre mulheres e homens uma justificativa para a maneira desigual como cada gênero é tratado pelo corpo social.

“De menina e de menino: gênero e infância” não fica só no campo das ideias. Há uma interessante pesquisa qualitativa feita com sete mães e pais de meninas e meninos de diversas faixas etárias. É o que basta para entendermos o quanto não somos diferentes de nossos avôs e de nossas avós no que diz respeito à divisão por gêneros que se estabelece nos brinquedos e demais itens infantis. Conseguimos, ao ler Lamas, refletir sobre nossas expectativas em relação à criança que presentearmos e o quanto um regalo infantil traduz de algum modo o anseio da pessoa adulta que o compra para doá-lo. O que, afinal, motiva pais, mães, tios e tias de crianças a seguir uma lógica tão rigorosa de separação por gêneros e que conceitos há por trás dessa divisão?

Não é nada confortável enxergar a existência de padrões e códigos culturais rígidos absolutamente sedimentados em nossa sociedade e, por isso, esta obra se faz necessária porque este incômodo provocado de forma sábia pela narrativa da autora traz e gera, nessa esteira, muitos questionamentos. A despeito do tema estar em voga, a autora mostra que ele está longe de ser esgotado. Sabemos muito sobre as restrições que se impõem à mulher, ao longo de toda a sua vida, com base em estereótipos que começam a se articular na infância, no relacionamento íntimo com os pais e familiares. O que é difícil é enxergar o quanto contribuimos para isso e o muito que precisamos ainda aprender.

A discussão da maternidade é feita com delicadeza e muito bem articulada. O comportamento materno está longe de ser consensual entre as diversas culturas. A impossibilidade de definição desse conceito característico da espécie humana que resista ao tempo, aos costumes e às gerações expõe a fragilidade da concepção da ideia do instinto e, por consequência, de “natureza feminina”.

Baseando-se na filósofa Elisabeth Badinter que se debruçou sobre o tema para escrever livros como *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1981) e *Conflito: a mulher e a mãe* (2010), Lamas mostra que há uma infinidade de modos de viver a maternidade. Um exemplo marcante é das mulheres europeias do século 18 que praticamente abandonavam seus filhos e suas filhas em casas de amas. Ir contra o senso comum cujo conceito de maternidade está diretamente associado à proteção e amor e entender que “maternidade” é mais um juízo socialmente construído é um exercício que, a princípio, estranhamos e quiçá nos recusamos a fazer, pois, em certa medida, somos feitos daquilo em que acreditamos e a desconstrução jamais é indolor. Lamas resume após suas leituras essa questão: “Um sentimento que varia de acordo com os costumes, a época e a cultura não pode ser chamado de instinto, já que não é inerente à condição de mulher, mas uma condição adquirida. O amor materno, como o conhecemos hoje, é fruto de uma construção social”.

Ao falar sobre gênero, Lamas passa longe de afirmar que “não existe” homem ou mulher, ou faz com que eles e elas percam sua identidade. A questão colocada é justamente compreender que socialmente nos relacionamos a partir de papéis que definem quem pode fazer o quê. É claro que a autora fala do seu lugar como mulher, mas o debate colocado se expande para muito além das mulheres e traz benefícios para toda a sociedade, incorporando as questões da comunidade LGBTi+ e revisitando, inclusive, estereótipos que oprimem os próprios homens.

Como dito no início, a narrativa literária presente em todo livro tem o seu valor na fluidez de um tema tão árido. Ao perguntar informalmente para a autora o que a motivou escrever “De menina e de menino - gênero e infância”, Lamas respondeu:

Esse livro é, sim, fruto da pesquisa que eu desenvolvi na minha pós-graduação em Sociologia Política e Cultura, mas ele é, antes disso, uma espécie de acerto de contas, um compromisso que eu tinha com a menina que eu fui. Eu fui uma criança muito questionadora dos padrões de gênero, bem antes de saber o que essa expressão significava. Questionei muito os meus pais a respeito das liberdades que meu irmão tinha e eu não, recusei muitas roupas cor-de-rosa e tenho certeza de que os assustei com meu comportamento atípico para uma menina: não era ‘ vaidosa’ e me interessava por brinquedos e brincadeiras ‘de menino’, embora também adorasse as bonecas (adoro até hoje). Eu me lembro de ter vivido muitos conflitos em casa por conta disso, especialmente com a minha mãe: eu não era a menina com quem ela havia sonhado. Quando fiz essa pesquisa, que depois transformei em livro, quis honrar essa menina, trazer para a pesquisa a sua curiosidade genuína, as suas questões, o seu incômodo com a separação que o mundo faz entre o que é do homem e o que é da mulher. Porque às vezes, depois que a gente cresce, a gente aceita, naturaliza, deixa de estranhar. Mas criança não. Criança não aceita ouvir que “é assim porque sim”. Em 2015, esse tema ainda não estava tão em voga quanto está hoje, mas ele existia dentro de mim há muito tempo e eu via que nada havia mudado desde a minha infância. Essa pesquisa nasceu do estranhamento e do incômodo de uma menina.

Por fim, Marília Lamas deixa claro em seu livro que essa é uma questão de ordem política, pois “o que está em jogo são as noções que se constroem no imaginário das crianças e que, a partir daí, definem suas possibilidades na sociedade”. E insiste que “o que se faz urgente é um esforço por desnaturalização daquilo que a antropologia já provou que não é natural, mas construído culturalmente. E se a cultura nos oprime e nos segrega, somos nós, mulheres e homens, que podemos e devemos transformá-la pela nossa união”.

Sobre a autora:

Marília Lamas é jornalista formada pela UFRJ e especialista em Sociologia Política e Cultura pela PUC-Rio. É roteirista no canal a cabo Multishow, onde escreve programas como Música Boa Ao Vivo, TVZ e diversas séries dos canais do Multishow no YouTube. Antes de “De menina e de menino - gênero e infância”, publicou “São Jorge - a saga do santo guerreiro”, pela editora Inspira.